

MOVIMENTO FEMINISTA

Paradigmas e desafios

Este trabalho dialoga com a bibliografia sobre o movimento de mulheres, buscando construir uma trajetória desse movimento, e aponta para alguns desafios, que a nosso juízo estão colocados para o movimento de mulheres, em particular para o feminismo, a partir do processo de democratização por que tem passado o país.

As motivações desta reflexão refletem o clima de avaliação gerado pela preparação da IV Conferência Mundial da Mulher e a existência das eleições gerais no país. Esses fatores nos levam a dizer que são tempos de realizar um balanço.

A bibliografia sobre os movimentos de mulheres foi o ponto de partida, mas muitas vezes a memória foi a fonte da reflexão, fazendo este texto refletir uma experiência pessoal e construindo uma visão particular das trajetórias e das questões que desafiam essa dinâmica. A primeira parte baseia-se no texto *O Movimento de Mulheres na Transição Democrática Brasileira*¹.

Apesar de a ação das mulheres se inscrever em uma prática mais geral democratizadora e modernizadora da cultura e dos costumes na sociedade brasileira, a reflexão aqui fica no âmbito dos movimentos de mulheres e do movimento feminista. A escolha de iniciar a análise desse lugar tem a desvantagem de não analisar as influências mais amplas do movimento feminista na sociedade, mas a vantagem das possibilidades de pensar um segmento organizado das mulheres na sociedade.

¹ DELGADO, M. B. G e SOARES, V., *O Movimento de Mulheres na Transição Democrática. Texto apresentado para Projeto - Estudos Comparativos sobre Movimentos Sociais no Chile, México e Brasil. Universidade de Hannover, Alemanha, 1993.*

As mulheres nos movimentos - uma trajetória

A presença das mulheres na cena social brasileira nas últimas décadas é um fato inquestionável: "o movimento operário que se organizou nos anos 70 é seguramente o ator mais importante neste cenário. Os movimentos de mulheres constituem a novidade"². Esta presença foi construída no período do fechamento político, a partir dos anos 60, sendo um dos elementos que contribuíram para os processos de mudanças no regime político: "moreover, women also made up the backbone of many of the organizations of civil society and opposition political parties which successfully challenged authoritarian rule during the 70s and early 80s"³.

De fato, as mulheres estiveram presentes nas lutas democráticas e, simultaneamente, mostraram e têm demonstrado que diversos setores se inserem diferentemente na conquista da cidadania e que os efeitos do sistema econômico são sentidos diferenciadamente de acordo com as contradições específicas nas quais estes setores estão imersos⁴.

As mulheres - novas atrizes - ao transcenderem seu cotidiano doméstico, fizeram despontar um novo sujeito social: mulheres anuladas emergem como mulheres inteiras, múltiplas. Elas estavam nos movimentos contra a alta do custo de vida, pela anistia política, por creches, criaram associações e casas de mulheres, entraram nos sindicatos onde reivindicaram um espaço próprio, realizaram seus encontros. Novos temas entraram no cenário político, novas práticas surgiram. Algumas autoras citam o movimento que emergiu no Brasil como talvez "the largest, most varied, most radical, most diverse and most politically influential of Latin America's women"⁵.

Dois processos fundamentais que cruzaram a segunda metade dos anos 70 e toda a década de 80 marcam a presença dos movimentos sociais no Brasil contemporâneo: as crises econômicas e a inflação crescente que delas decorre, e o processo de abertura política, ambos afetando e mobilizando tanto as classes médias quanto as classes trabalhadoras.

A "transição negociada" do regime autoritário processou-se a partir da segunda metade dos anos 70, dentro do projeto de "distensão lenta e gradual" do presidente general Ernesto Geisel, e veio acompanhada da proliferação de movimentos populares, consolidação da oposição, remobilização da esquerda, rearticulação de uma política de oposição, expansão da ação pastoral da Igreja Católica, embora continuasse a política repressiva. As mulheres, neste período, tiveram espaço para uma maior ação

² LOBO, E. S.. *A Classe Operária Tem Dois Sexos. Trabalho, dominação e resistência* São Paulo: Brasiliense/Secretaria Municipal de Cultura, 1991, p. 269.mm

³ ALVAREZ, S.. *Politicizing Gender and Engendering Democracy*. In: STEPAN, A. (ed.), *Democratizing Brazil*. New Haven: Yale University Press, 1990.

⁴ SADER, E.. *Quando Novos Personagens Entram em Cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁵ STERNBACH, N. S. et alii. *Feminism in Latin America: from Bogotá to San Bernardo*. *Signs, Journal of Women in Culture and Society*, 21, v. 17. University of Chicago, p. 414.

política como decorrência do imaginário social que as vê como cidadãs despolitizadas ou intrinsecamente apolíticas.

Foi durante a ditadura militar, quando existiam as torturas a presos políticos, a homens, mulheres e crianças supostamente participantes de movimentos políticos, que o movimento feminista foi capaz de promover uma série de argumentos iluminando as ligações da violência contra a pessoa e a violência contra as mulheres na esfera doméstica.

O movimento de mulheres que aparece durante os anos 70 rompe com uma tradição, na qual as mulheres manifestavam publicamente valores tradicionais e conservadores, como ocorreu com a Marcha da Família com Deus e a Propriedade, precedendo ao golpe militar⁶. O movimento de mulheres nos anos 70 trouxe uma nova versão da mulher brasileira, que vai às ruas na defesa de seus direitos e necessidades e que realiza enormes manifestações de denúncia de suas desigualdades. Concordamos com Alvarez ao afirmar que, ironicamente, as regras autoritárias dos militares, que tinham por intenção despolitizar e restringir os direitos dos cidadãos e cidadãs, tiveram como consequência a mobilização das mulheres, geralmente marginais na política⁷.

O movimento de mulheres no Brasil foi (e ainda é) muito heterogêneo; na realidade, devemos tratar de movimentos de mulheres, conforme apontaremos mais à frente. Trouxeram à participação política muitas mulheres, influenciadas pelo feminismo que ressurgiu também no período, "um feminismo revisitado"⁸. Este termo é utilizado por Lobo ao fazer referência aos movimentos feministas do início do século, onde mulheres lutaram pela conquista do voto e direito à educação.

O movimento feminista que reapareceu no Brasil a partir de meados dos anos 70 teve algumas características dos movimentos que surgiram na Europa e Estados Unidos nos anos 60. No entanto, as condições políticas locais, dadas pelas peculiaridades da primeira fase do governo militar, não deram lugar à emergência de um movimento de liberação radicalizado como os que mobilizaram mulheres da mesma geração e camada social naquelas sociedades, mulheres com trajetórias e questionamentos "identitários" semelhantes aos de muitas jovens brasileiras⁹.

Esta mesma situação, por outro lado, propiciou a emergência do feminismo no seio das militantes dos partidos de esquerda e de mulheres engajadas na luta pela restituição da democracia no país. Tratou-se do surgimento de um feminismo cujas militantes estavam na sua maioria também

⁶ BLAY, E. O Visível e o Limite dos Movimentos Sociais na Construção da Prática Democrática. In OLIVEIRA, E. M. (org.), *Mulheres: da domesticidade à cidadania, estudos sobre movimentos sociais e democratização*. ANPOCS/CNDM, 1987.

⁷ ALVAREZ, S. *The Politics of Gender in Latin America*. Yale University, 1986 (tese de doutoramento)

⁸ LOBO, E. S., 1991, op. cit.

⁹ GOLDBERG, A., *Feminismo no Brasil Contemporâneo. o percurso intelectual de um ideário político*. BIB, 28. Rio de Janeiro: ANPOCS, 1989.

engajadas nos grupos de esquerda ou nas lutas democráticas, criando um movimento feminista bastante politizado, o que a autora chamou de “um feminismo bom para o Brasil”¹⁰.

O ano de 1975 é frequentemente citado como o ano em que os grupos feministas reapareceram nos principais centros urbanos. A partir das comemorações públicas do Dia Internacional da Mulher, e reforçadas pelo início da Década da Mulher proposta pela ONU, várias organizações feministas tomaram forma e vários jornais feministas apareceram.

Os primeiros grupos feministas criados na década de 70 nasceram com o compromisso de lutar tanto pela igualdade das mulheres como pela anistia e a abertura democrática¹¹. Eram grupos de reflexão e pressão, cujas feministas tomaram como tarefa “traduzir sua motivação original em proposições que sejam relevantes para a grande massa de mulheres desprivilegiadas, de modo a mobilizá-las contra a opressão de sexo e de classe”¹². Muitas mulheres passaram a dirigir sua atuação, através dos grupos recém-criados, para lutas em bairros e comunidades das periferias urbanas, das comunidades da Igreja Católica, clubes de mães, associações de vizinhança, onde donas-de-casa e mães se reuniam, organizavam-se e mobilizavam-se por questões do cotidiano.

As comemorações do Dia Internacional da Mulher (8 de março) constituíram momentos para a organização de fóruns feministas e dos bairros, articulando protestos públicos contra a discriminação de sexo e uma agenda de reivindicações, consolidando uma coordenação de mulheres e laços de solidariedade. Até os dias de hoje essas comemorações se constituem em um dos momentos privilegiados de encontro do movimento de mulheres.

Os sindicatos também passaram a ser lugar da militância feminista, criando-se uma interlocução entre as feministas e as sindicalistas que teve desdobramentos significativos para as relações entre o sindicalismo e as trabalhadoras.

As feministas debateram com as esquerdas e forças políticas progressistas alguns pontos da teoria e da prática do fazer político, apontando para a não hierarquização das lutas e a sexualização das práticas nos espaços públicos. O feminismo trouxe novos temas para o conjunto do movimento de mulheres, posteriormente incorporados pelos partidos políticos: direito de ter

¹⁰ GOLDBERG, A. *Tudo Começou Antes de 1975: idéias inspiradas pelo estudo da gestação de um feminismo “bom para o Brasil”*. Relações Sociais de Sexo X Relações Sociais de Gênero. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1988.

¹¹ A luta pela anistia no Brasil teve uma grande participação das mulheres, que iniciaram o Movimento Feminino pela Anistia, em 1975, composto principalmente por esposas, mães, irmãs e outras familiares de vítimas da repressão. Muitas feministas tiveram uma participação importante neste movimento. SINGER, P.. *O Feminino e o Feminismo*. In SINGER, P. e BRANDT, V. C. et alii, *São Paulo: o povo em movimento*. Petrópolis: Vozes, 1980.

¹² *Ibidem*, p. 119.

ou não filhos, punição aos assassinos de mulheres, aborto, sexualidade, violência doméstica¹³.

No início dos anos 80, chegavam a quase uma centena os grupos feministas espalhados pelos principais centros urbanos do país. No Brasil, como também em vários países da América Latina, as mulheres se fizeram e se fazem visíveis através de uma multiplicidade de expressões organizativas, uma infinidade de reivindicações e formas de luta.

Os movimentos de mulheres, como outros movimentos sociais, são movimentos não clássicos, na medida que transcorrem nas esferas não tradicionais de organização e ação política - a novidade é que tornaram visíveis a prática e a percepção de amplos setores sociais que geralmente estavam marginalizados da análise da realidade social, iluminaram aspectos da vida e dos conflitos sociais em geral obscurecidos e ajudaram a questionar velhos paradigmas da ação política. Uma das principais contribuições do movimento de mulheres tem sido evidenciar a complexidade da dinâmica social e da ação dos sujeitos sociais, revelando o caráter multi-dimensional e hierárquico das relações sociais e a existência de uma grande heterogeneidade de campos de conflito.

Para uma compreensão destes movimentos tem sido usual fazermos referência ao movimento feminista como uma das expressões de um movimento de mulheres mais amplo. As feministas compõem uma face do movimento de mulheres. As mulheres das periferias dos centros urbanos, das pequenas comunidades rurais, as que atuam nos sindicatos compõem a outra face. Cada uma das vertentes do movimento de mulheres poderia ser analisada como um movimento social, enfocando suas dinâmicas próprias, suas formas de expressão etc. Mas como estas vertentes se tocam, se entrelaçam, entram em contradição, utilizaremos a expressão movimento de mulheres, reconhecendo que é uma pluralidade de processos. O movimento de mulheres, à semelhança dos movimentos sociais, é "uma noção analítica, que abriga um imenso guarda-chuva, abrigando ações coletivas diversas, com diferentes significados, alcances e durações"¹⁴.

As feministas, como expressão de uma das vertentes deste movimento, traduzem a rebeldia das mulheres na identificação de sua situação de subordinação e exclusão do poder, e buscam construir uma proposta ideológica que reverta esta marginalidade. Sua concreção se dá a partir da construção de uma prática social que negue aqueles mecanismos que impedem o desenvolvimento de uma consciência como ser autônomo e que supere a exclusão. As feministas fazem do conhecimento e da eliminação das hierarquias sexuais seu objetivo central, e a partir daí articulam-se com as outras vertentes do movimento de mulheres.

¹³ SOARES, V.. *As Trabalhadoras, os Sindicatos e a CUT Incluir as mulheres nas direções. CUT - Espaço de Mulheres e de Homens* São Paulo: CNMT/Confédération des Syndicats Nationaux, 1993.

¹⁴ PAOLI, M. C.. *Movimentos Sociais no Brasil. em busca de um estatuto político (mimeo)*. Texto apresentado ao ILDES, São Paulo, 1993.

Uma parcela dos movimentos de mulheres contemporâneos, no Brasil, nasceu dos grupos de vizinhança nas periferias dos grandes centros urbanos. As mulheres dos bairros populares construíram uma dinâmica política própria. Através de seus papéis socialmente designados de esposas e mães, fizeram os primeiros protestos contra o regime militar. Lutaram contra o aumento do custo de vida, demandaram escolas adequadas, centros de saúde, água corrente, transportes, eletrificação, moradia, legalização de terrenos e outras necessidades de infraestrutura urbana, exigiram condições adequadas para cuidar de sua família, educar suas crianças¹⁵. Alvarez¹⁶ utiliza o termo “militant motherhood” para caracterizar estes movimentos.

Em fins dos anos 70 apareceram pelo menos dois grandes movimentos sociais liderados por mulheres: o movimento contra a alta do custo de vida e o movimento de luta por creche¹⁷. A participação nestes movimentos levou muitas mulheres a reunirem condições de questionar as relações de gênero, suas relações não igualitárias com seus maridos, famílias e comunidades.

A forte presença da Igreja Católica na vida das mulheres é inseparável da análise desses movimentos. Como resultado das medidas repressivas do governo militar, principalmente de 1964 a 1974, apareceram novas estratégias das comunidades organizadas. A Igreja Católica foi um dos poucos espaços que permitiram uma articulação da resistência não armada ao governo militar. A Igreja progressista promoveu um guarda-chuva organizacional para a oposição ao regime e cobriu as atividades de oposição com um véu de legitimidade moral¹⁸. A vida concreta dessas mulheres se modificou parcialmente através de sua inserção nas comunidades, “l’usage de leur temps, l’élargissement de leur espace de circulation géographique et sociale, les échanges avec d’autres femmes, leur activisme religieux et leur militantisme politique secoue leur quotidien”¹⁹.

Assim, as mulheres pobres, a partir da ação política para melhorar suas vidas e as de seus familiares, se redefiniam a si mesmas como legítimas atrizes públicas e modificavam as normas tradicionais que limitam a mulher

¹⁵ SAFFIOTI, H. I. B. Movimentos Sociais. face feminina. In: CARVALHO, N. V. (org.), *A Condição Feminina*. São Paulo. Vértice/Revista dos Tribunais, 1988; SARTI, C.. *Feminismo no Brasil - uma trajetória particular. Cadernos de Pesquisa*, 64, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1988; GOLDBERG, 1989, op. cit..

¹⁶ ALVAREZ, 1986, op. cit..

¹⁷ O movimento de luta por creches nos bairros populares de São Paulo, em 1973, através das comunidades da Igreja Católica, foi inicialmente um movimento espalhado pela cidade de São Paulo. A partir do I Congresso da Mulher Paulista, em 1979, organizado pelas feministas e que teve a participação de centenas de mulheres dos bairros, ocorreu a articulação desses vários grupos, nascendo um amplo movimento de lutas por creches. O Movimento contra a carestia foi uma das primeiras manifestações contra o regime militar; contou com a participação de diversos setores da sociedade, as mulheres foram protagonistas e dele decorreram várias organizações de mulheres.

¹⁸ ALVAREZ, S., *Engendering Democracy in Brazil: women's movements in transition politics*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

¹⁹ NUNES ROSADO, M. J. F., *Eglise, Sexe et Pouvoir - les femmes dans le catholicisme au Brésil - le cas des Communautés Ecclesiales de Base*. Paris: École des Hautes Etudes en Science Sociales (tese de doutoramento), 1991, p. 274.

neste âmbito privado do lar. Entretanto, essas mulheres, mesmo que organizadas em suas ações de sobrevivência, que as fazem sair do seu encerramento doméstico, identificar interlocutores, aumentar seu sentimento de auto-estima, podem não modificar no essencial a profunda segregação sexual da sociedade, nem alterar a direcionalidade dos projetos sociais. Elas se constituíram e ainda se constituem nas interlocutoras privilegiadas das feministas.

Em geral, a hierarquia da Igreja e alguns padres progressistas ficaram doutrinariamente em oposição, se não hostilidade, a algumas demandas do feminismo, principalmente quanto aos direitos reprodutivos, temas da sexualidade, em particular o aborto. Mas as mulheres nestes espaços foram sujeitos ativos e reagiram às muitas práticas e discursos da Igreja²⁰. Criou-se uma relação ao mesmo tempo conflitiva e de solidariedade entre as mulheres das organizações da Igreja, como as CEBs, e as feministas, fazendo surgir um movimento de mulheres extensivo. Quando essas mulheres ganham formas autônomas de organização em relação à Igreja, constituindo, por exemplo, casas de mulheres, ampliam seu grau de autonomia política e o espectro de suas reivindicações.

Uma outra parcela deste movimento de mulheres são as trabalhadoras urbanas e rurais. O crescimento da presença das mulheres no mercado de trabalho foi simultâneo ao aumento da sua sindicalização e à emergência do movimento de mulheres, o qual sem dúvida influenciou no relacionamento dos sindicatos com as mulheres e na percepção destas quanto à sua condição de trabalhadoras²¹. No entanto, a participação feminina nas direções sindicais sempre foi e continua mínima. Os sindicatos por muito tempo continuaram a não ver as mulheres como sujeito político e negando a singularidade de sua condição no âmbito das relações de trabalho. Porém, o fato de os movimentos de mulheres denunciarem publicamente as discriminações de gênero no trabalho, a dupla jornada de trabalho das mulheres assalariadas, a omissão masculina face às tarefas domésticas e o cuidado com os filhos foi decisivo para fortalecer a aproximação entre sindicalistas e feministas e buscar um novo rumo ao debate e à ação sindical sobre a mulher trabalhadora. Desta interlocução tem resultado a tentativa de implementação de uma política sindical de gênero no âmbito de vários sindicatos e centrais sindicais²².

As trabalhadoras rurais participaram (e participam) do processo de organização das mulheres de maneira expressiva e peculiar. Fazem parte de uma realidade extremamente heterogênea derivada da penetração do

²⁰ Ibidem.

²¹ LOBO, E. S. et alii. Lutas Operárias e Lutas das Operárias em São Bernardo do Campo. *Cahiers des Amerique Latine*, 26. Paris, julho-dezembro 1982.

²² A CUT - Central Única dos Trabalhadores - aprovou, em 1993, uma cota mínima de mulheres de 30% na direção da Central e sugere aos sindicatos cota proporcional ao número de mulheres nas respectivas bases sindicais. A diretoria eleita em 1994 foi composta com esta proporção. DELGADO, M. B. G.. A Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora da CUT. Mulheres daqui e de lá... Diálogo entre as Trabalhadoras do Brasil e do Quebec. São Paulo: CUT/Confédération des Syndicats Nationaux, Janeiro 1992.

capital na agricultura, no Brasil²³, onde a luta pela reforma agrária e pela terra, por melhores condições de produção e melhores preços agrícolas, melhores salários e direitos sociais - que unificam homens e mulheres do campo - se alia à luta particular das camponesas por cidadania e visibilidade como trabalhadoras: "Sejam pequenas produtoras rurais, sem-terra ou barrageiras, bóias-frias ou empregadas nas grandes fazendas, elas vêm transformando o cenário político e social da agricultura brasileira ao mostrar sua combatividade e determinação na luta pela conquista de uma nova identidade social, a de mulheres trabalhadoras rurais"²⁴.

As feministas mantiveram, e mantêm ainda hoje, uma relação intensa com estas diversas faces do movimento de mulheres, muitas vezes uma relação de tensão, outras vezes enriquecedora, algumas empobrecedora. Fizeram um entrelaçamento destas diferentes vertentes, de modo que hoje ficam um pouco menos nítidas as demarcações. É muito mais difícil demarcar o campo entre as mulheres dos movimentos populares e do movimento feminista. O terreno comum que permite estas relações talvez possa ser dado por duas dimensões: o descobrimento e a reflexão de sua identidade como mulheres e a ênfase no cotidiano²⁵.

As mulheres nos movimentos - os dias de hoje

No Brasil, a década de 80 foi marcada pela reconstrução das instâncias da democracia liberal: reorganização partidária, eleições para os diversos níveis, reelaboração da Constituição do país, eleições presidenciais etc. A questão da democracia, que esteve presente na constituição dos movimentos sociais, agora se coloca na relação desses com o Estado - a incorporação das suas reivindicações - as políticas públicas passam à agenda desses movimentos.

O movimento feminista, a partir de 1981, ficou mais complexo na sua organização e mais diverso ideologicamente. Com a reorganização partidária, foi polarizado pelas diversas propostas que surgiram. Embora não refletisse visões diferentes de feminismo, a polarização se deu no âmbito das questões gerais da reconstrução da democracia liberal. Ao mesmo tempo, com o aparecimento ou a reativação de canais tradicionais de representação política, muitas mulheres privilegiaram a atuação nos partidos. A partir de então viu-se uma nova militante nos partidos políticos, a feminista, e nestes espaços o tema "mulher" tornou-se alvo de debate, item obrigatório dos programas e plataformas eleitorais dos partidos progressistas, como conse-

²³ Sobre a situação da mulher na área rural brasileira ver, entre outras, LAVINAS, L. (org.). *Mulher Rural: identidades na pesquisa e na luta política*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.

²⁴ LAVINAS, L. e CAPPELLIN, P. *Gênero e Classe: mulheres trabalhadoras rurais. Mulheres trabalhadoras rurais, participação e luta sindical*. Rio de Janeiro: DNTR/CEDI, maio 1991, p. 28.

²⁵ VARGAS, V.. *Entre la Esperanza y el Desencanto*. Montevideu: Cotidiano Mujer, novembro 1993.

quência da visibilidade que as questões das mulheres ganharam, trazidas pelos movimentos de mulheres.

Uma outra consequência foi a tentativa de incorporar as reivindicações das mulheres nas políticas sociais do Estado. Por iniciativa das militantes feministas nos partidos, a partir de 1982 surgiram organismos governamentais, responsáveis por coordenar a ação do Estado visando a igualdade das mulheres. Foram criados nos diversos níveis (nacional, estadual e municipal) Conselhos dos Direitos da Mulher. A atuação destes organismos governamentais, suas realizações e limitações agora estão sendo analisadas em textos como de Schumacher e Vargas²⁶, que apresenta como surgiu e foi tratada a implementação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, bem como suas ações e limitação. Uma análise da participação do feminismo no nível do Estado faz parte da agenda das atuais discussões sobre a democratização deste.

O feminismo se diversificou criando novas formas de organização e instituindo práticas como os coletivos voltados para ações relacionadas ao corpo, à saúde, à sexualidade feminina e para questões da violência. Surgiram serviços e grupos de formação/educação, muitos dos quais permanecem até os dias de hoje. Buscou manter duas estratégias de atuação, a partir de 1982: continuar independente do Estado e atuar nas instâncias governamentais. Preservou canais autônomos de articulação, não só temáticos, mas gerais, através dos encontros nacionais feministas, com participação de um grande número de mulheres.

Desde 1982 realizam-se encontros nacionais anuais (bianuais a partir de 1992) e cada vez é maior o número de participantes. Em 1986, em Garanhuns, Pernambuco, estiveram presentes cerca de mil mulheres, sendo 70% dos setores populares e 20% de "feministas históricas", segundo o Relatório do Encontro. Os conflitos que ocorrem durante a realização desses encontros, devido à participação tão heterogênea de mulheres, são muito semelhantes aos que têm sido apontados nos Encontros Feministas Latino-americanos: o que é o feminismo, sua relação com os partidos políticos, a não hierarquização das organizações de mulheres, a negação de representação "das mulheres" etc.

Este espaço dos encontros possibilitou a articulação de outros segmentos do movimento. Por exemplo, a partir de 86 foi importante a discussão sobre o lesbianismo, que embora estivesse sempre presente no movimento feminista nunca tinha sido debatido pelo conjunto das feministas e pelo movimento de mulheres. Os encontros nacionais feministas propiciaram também a articulação das mulheres negras.

Para uma compreensão mais global do movimento de mulheres no Brasil é necessário levar em conta, além das relações sociais de gênero e classe, as relações de raça.

²⁶ SCHUMACHER, M. A. e VARGAS, E.. Lugar no Governo: álbi ou conquista. *Estudos Feministas*, 2, ano 1, 2º semestre, Rio de Janeiro, 1993.

O Brasil viveu um longo período de escravidão e a mudança deste regime, por acordo entre as elites, manteve profundos preconceitos raciais e não criou condições de exercício dos direitos liberais aos homens e mulheres negras. A escravidão no país só foi abolida em 1888 e, sem qualquer processo de sua integração à cidadania, "the enslaved African became a 'citizen' as attached under the law, but he also became a 'nigger' cornered from all side"²⁷. O racismo foi mascarado pela ideologia da "democracia racial", surgida no discurso dominante dos anos 30, que divulga a idéia de que negros e brancos vivem harmoniosamente, e que a raça e a cor da pele não fazem qualquer diferença na inserção social no Brasil. Resulta daí o ocultamento da realidade de vida da maioria da população e um processo de "branqueamento", através da miscigenação. O Brasil é conhecido pelo carnaval, futebol e as mulatas, através das quais apresenta aos outros uma visão exótica de homens e mulheres negras do país²⁸. Estas concepções persistem até hoje nos discursos de políticos, do governo, do cidadão comum. Ao mascarar as práticas racistas, buscam a extinção da cultura e da identidade negra, reafirmando o branco como superior²⁹. As desigualdades raciais se somam às desigualdades de gênero. As mulheres chefes de família são as mais pobres entre os pobres não porque sejam mulheres sem maridos, mas provavelmente porque são mais velhas, negras ou mulatas e como tal estão diante de alternativas de trabalho piores do que os homens. Se é certo que as mulheres têm entrado maciçamente no mercado de trabalho formal e estão em guetos profissionais, é certo também que a maioria das trabalhadoras concentradas nos serviços domésticos remunerados são mulheres negras cujas oportunidades de trabalho diversificado ainda permanecem distantes³⁰.

O movimento de mulheres negras, que atualmente ganha maior espaço, pretende "tornar visível a realidade vivida e busca formas organizativas para as mulheres visando a superação das conseqüências do racismo"³¹. As mulheres negras, ao criarem suas formas próprias de organização, seus próprios encontros etc, se constituíram numa outra vertente do movimento de mulheres, e têm mantido uma relação educativa com o feminismo ao iluminarem as questões da diferença e igualdade entre as mulheres negras e brancas e ao introduzirem a necessidade concreta de se utilizar também a

²⁷ NASCIMENTO, A.. Brazil. Mixture or Massacre- Essays in the Genocide of Black People. DOVER, M. A., Majority Press. In: RADCLIFFE, S. e WESTWOOD, S. (ed.), *VIVA - Women and Popular Protest in Latin America*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1989.

²⁸ WESTWOOD, S. e RADCLIFFE, S.. Gender, Racism and the Politics of Identities in Latin America. In: RADCLIFFE, S. e WESTWOOD, S. (ed.), *VIVA - Women and Popular Protest in Latin America* Londres/Nova Iorque: Routledge, 1993.

²⁹ A primeira atitude oficial de reconhecimento da existência do racismo no país e da necessidade de combatê-lo é a definição da sua prática como crime inafiançável na Constituição de 1988.

³⁰ CASTRO, M. G. e CHANEY, E. M. (ed.). *Trabajadoras del Hogar en América Latina y el Caribe*. Caracas: Nueva Sociedad, 1993.

³¹ RIBEIRO, M. A. Rebelião Necessária. *Boletim* do SOF. São Paulo. Sempre Viva Organização Feminista, 1991.

categoria raça, além do gênero, para uma compreensão mais concreta da realidade de exclusão das mulheres.

As temáticas apresentadas pelo movimento feminista estão presentes hoje em diversos espaços, tanto em movimentos e entidades de mulheres como em espaços mistos. É certo que o movimento feminista está mais ausente "das ruas". O retraimento dos movimentos sociais é geral, mas o movimento feminista optou por centrar-se fundamentalmente na busca de espaços concretos de atividades e isto levou a uma multiplicidade de serviços gerados por organizações de mulheres. Apesar de assertivas em contrário, está longe de estar morto; ao contrário, tornou-se mais diverso e difuso, e tem transformado o movimento de mulheres. O feminismo construiu um largo arsenal de estratégias e táticas - protestos, serviços, proposição de políticas públicas, opções legislativas - e construiu coalizões com outros movimentos. Tem mantido fóruns do movimento de mulheres para as decisões de suas agendas e formas de atuação conjunta³².

Neste percurso, e à semelhança de outros movimentos, o feminismo se especializou, muitos grupos passaram para a produção de conhecimentos, desenvolver serviços mais do que ação direta, possibilitando a constituição de uma "morada" para o movimento, que são as ONGs feministas.

A análise dos movimentos de mulheres visando a compreensão dos seus diversos significados não tem sido trivial: "as novas práticas são, de um lado, novas formas de organização social e implicam um tratamento particular e próprio da relação entre vida privada e vida pública"³³. E as análises do movimento feminista ainda são fragmentadas. A forma de sair das análises parciais é evitar uma leitura linear desta realidade, tanto pela multiplicidade inerente às relações sociais em que está imersa a mulher como também porque as práticas das mulheres estão marcadas pela busca de formas alternativas de situar-se frente ao mundo e, ao mesmo tempo, pelo peso de identidades e práticas tradicionais assumidas como válidas pelas próprias mulheres. Gênero e identidade política, imagens e práticas que marcam o comportamento cotidiano das mulheres, simbolismos e o lugar na cultura política faltam em geral nos estudos dos movimentos de mulheres.

A visibilidade - uma estratégia vitoriosa

Pode-se dizer que, neste país, a estratégia do feminismo em tornar visível a questão da mulher, sua exclusão e desigualdades, foi uma estratégia vitoriosa. Esta estratégia, nos dias de hoje, já parece estar esgotada e o movimento ainda não encontrou outra capaz de enfrentar as questões colocadas no processo de democratização ao lado de crises econômicas e

³² Soares, V.. *Más Tiempo para Conversar*. Montevideu: Cotidiano Mujer, novembro 1993.

³³ Lobo, E. S.. *Mulheres, Feminismo e Novas Práticas Sociais*. *Revista de Ciências Sociais*, 1, vol. 1. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1987.

políticas por que tem passado o país, além da sensação de viver num mundo imerso em uma crise global, indicada pelos fatos cotidianos encontrados, por exemplo, na grande imprensa.

Diferentes motivos levam a apontar o feminismo como um projeto que teve êxito em tornar visível uma problemática que antes não estava presente nos movimentos populares, nem nos movimentos sociais tradicionais, nem tampouco no nível político, seja de esquerda, de direita ou centro. Ao mesmo tempo que apontou para a exclusão das mulheres na sociedade, criou novos paradigmas para análise desta situação e inscreveu-se como tema das pesquisas acadêmicas - as idéias do feminismo se instalaram em diversos espaços do social e do teórico.

O feminismo reconhece um poder não somente no nível do público-estatal, mas o poder presente em todo o tecido social, fazendo a concepção convencional da política se ampliar, como também a noção de sujeito - todos aqueles que têm uma posição subalterna nas relações de poder existentes são chamados a transformá-las. Não existe um só sujeito histórico que enfrente e transforme estas relações em nome de todos os oprimidos. Reconhece uma multiplicidade de sujeitos que, desde sua opressão específica, questionam e atuam para transformar esta situação. Assim, desta posição, nega a possibilidade de uma vanguarda que focaliza os partidos políticos como um lugar privilegiado para a prática da política negando as estruturas de representação do movimento de mulheres. Foi a partir daí que o feminismo, no Brasil, na época do regime militar, dialogou com as esquerdas, de onde muitas tinham vindo, e soube tratar da autonomia do movimento. Isto é, soube manter no movimento o lugar da decisão das suas reivindicações, das suas formas de organização etc.

Um dos temas mais fortes do feminismo foi seu questionamento às formas de fazer política, não no sentido instrumental senão na concepção profunda da divisão entre o público e o privado. Estes questionamentos hoje já não são patrimônio das feministas: são de alguma maneira compartilhados por diversos segmentos sociais, ao fazerem a crítica de que a política se realiza muito longe de suas aspirações ou necessidades. O feminismo no Brasil manteve uma forte aliança com os movimentos populares onde as mulheres eram maioria e tratou da violência sexual doméstica, aliando-a às discussões sobre a democracia. Identificou ainda, junto ao Estado, políticas públicas, como canais de sua eliminação.

O feminismo identificou o Estado como a concretização material e simbólica do poder político central, aquele que sintetiza, globaliza as relações de exclusão, dando uma dimensão institucional e um aporte de generalidade ao conjunto da sociedade, mas mostrou também que o poder se estende e está presente em todas as instâncias do cotidiano. Trouxe reflexões à política, no sentido da sua ampliação e da incorporação de novos sujeitos, e debateu com as esquerdas a não hierarquização das lutas. Nas lutas pela democracia, tratava-se de incorporar as mulheres nessas lutas democráticas como sujeitos

portadores de reivindicações e de direitos. Trouxe para as agendas dos movimentos a igualdade entre os sexos na educação, direitos reprodutivos e saúde, participação política das mulheres, discriminação no trabalho e políticas de emprego, cuidado com as crianças, pobreza e bem-estar, violência contra a mulher etc. Ao manter estas agendas, contribuiu para manter a coalizão das mulheres e constituir um movimento massivo de mulheres. Nem por isso deixou de enfrentar dificuldades para instalar-se na política.

Contribuiu para o questionamento, compartilhado por muitos, da crise de representatividade e legitimidade dos partidos políticos, e em momentos como no processo constituinte participou junto com os movimentos populares nas emendas populares, criando novos mecanismos de democracia direta.

Trabalhou com conceitos de ação coletiva e ação direta, a partir da negação da representação por delegação, e manteve fóruns de mulheres, nas diferentes vertentes do movimento. A característica da organização destes fóruns é: vontade unitária - todas as mulheres podem participar; e auto-organização - o fórum decide, delega, organiza seu próprio trabalho; vontade autônoma em relação aos sindicatos e partidos. Manteve a autonomia do movimento neste país, cuja ação política é marcada pelo clientelismo.

É demasiado estreito pensar a inserção do feminismo somente nos âmbitos organizativos, erro em que caímos quando nos perguntamos em termos quantitativos sobre a incidência do feminismo na sociedade, pois tem ações ao nível ideológico, que são ao mesmo tempo difusas e sólidas, criou novas maneiras de ler a realidade, que efetivamente está além de nossa capacidade de interferir diretamente, e reescreveu o discurso público da igualdade da mulher. Muitas pessoas jovens são diferentes hoje em relação às suas avós, porque existia o movimento de mulheres quando elas estavam crescendo.

Questões e desafios

A estratégia da visibilidade não dá conta da questão principal, qual seja, das maneiras como o imaginário político e as instituições permanecem vinculadas a uma divisão sexual do trabalho de base biológica.

Além disso, o movimento de mulheres é parte de um movimento global afetado por mudanças globais; com governos, sistemas econômicos, tecnologias de comunicação e as vidas das pessoas ligadas como nunca estiveram em outro período da vida da humanidade. Para o feminismo continuar contribuindo na busca de utopias e para se manter como um movimento massivo, heterogêneo e diverso, necessita de novos conceitos e novas estratégias, para não ficar desconfortável no confronto das nossas diferenças. Mais do que simplesmente reconhecer que se tem que incorporar a heterogeneidade como dimensão intrínseca, é necessário reelaborar os conceitos de autonomia, de institucionalização do movimento, e refletir sobre

as novas formas de poder que se instalam no interior do movimento, por exemplo entre as ONGs e os movimentos de mulheres³⁴.

Mais do que tentar separar quem é ou não feminista, talvez seja profícuo procurar identificar as diversas vertentes ou os distintos feminismos, e procurar explicitar as diferenças, identificar os distintos projetos, os diversos paradigmas, para definir com quem é possível manter uma unidade para elaborar projetos que mantenham acesas as nossas utopias, e criem possibilidades de construir símbolos, valores, linguagens marcadas por relações de colaboração e não de domínio entre as pessoas. As mulheres pobres, as trabalhadoras do campo, as trabalhadoras das cidades, mulheres profissionais, donas-de-casa, mulheres negras, mulheres do primeiro mundo, latino-americanas, mulheres heterossexuais, mulheres lésbicas, adultas, velhas. Estas são diferenças que são determinadas pelas relações de exclusão; além disto há as mulheres inscritas nos projetos políticos, as mulheres ligadas aos projetos religiosos. Resta saber como manter um projeto comum, os limites do projeto e com quem se unir para elaborar um projeto de mudanças. Um dos desafios está hoje em estabelecer nossas diferenças, nossos distintos feminismos, não mais sendo necessário nos identificarmos como todas iguais; não é mais necessário apelar para nossa condição de gênero para nos apoiarmos mutuamente. Trata-se de assumir que as articulações não podem dar base a uma exclusiva dinâmica ou partir de um eixo exclusivo e privilegiado, se não de articulação das diferenças, das racionalidades múltiplas e diversas que se instalaram no movimento.

Os desafios são complexos em um país que recompõe o funcionamento das instituições democráticas ao lado das crises econômicas e políticas. Se por um lado permite uma explicitação maior das diferenças das diversas vertentes desse movimento, do que poderia ter sido realizado durante o período anterior, por outro exige respostas mais globais para uma superação destas crises, mais eficazes para a melhoria das condições de vida das mulheres. A democracia é um marco substancial para a interrelação de sujeitos, espaços, lógicas e formas, é a possibilidade de invenção e fruição de novos direitos, é também ainda uma utopia em nosso país. É urgente repensar o significado da democracia para as mulheres e ligá-las às condições sociais do país atual: corrupção, miséria crescente, instituições que não funcionam, tradição cultural e política de práticas autoritárias, violência crescente. É preciso criticar as formas da democracia que não reconhecem a diversidade humana, que definem o bem comum a partir de formas radicalmente distintas da construção dos sujeitos.

Certamente é um grande desafio repensarmos as formas de o feminismo se reinstalar nesse público, re-significando por sua vez o que isto quer dizer para as mulheres, e elaborarmos uma visão própria dos temas centrais da conjuntura.

³⁴ BORBA, A.. Movimento Feminista, Autonomia e Organizações não-Governamentais. *Fempres*, 141, Junho 1993